



dimensão política  
do *Tríduo Pascal*

**D**ENTRO DE POUCOS DIAS CELEBRAREMOS A FESTA DA PÁSCOA CRISTÃ. Desde a mais remota antiguidade a Páscoa cristã é a celebração do mistério da ressurreição de Jesus. Porém, a liturgia pascal, desde os primórdios, uniu a celebração da ressurreição de Jesus à sua paixão e morte. Num primeiro momento pode parecer estranho que a celebração pascal, enquanto festa da vida, esteja profundamente ligada à paixão e morte de Jesus. Mas nada há de exagero nisso nem tão pouco algo fora de lugar.

A ressurreição acontece porque, antes, houve paixão e morte. Paixão entendida como a fidelidade de Jesus ao projeto do Pai até às últimas consequências (Mc 14,34-36). Morte porque aquele galileu se tornara muito incômodo para o sistema religioso e político da época, e era preciso eliminá-lo de uma só vez e para sempre (Jo 5,18). Torturado, e depois eliminado da pior forma possível para aquela época, Jesus ressuscita pelo poder de Deus (At 2,24). A sua ressurreição foi a resposta dada pelo Pai aos seus torturadores e aos seus algozes. Eles pensavam que tinham eliminado para sempre a sua memória, mas, de repente, Jesus ressuscita glorioso e torna-se mais incômodo e mais vivo do que antes, para desespero daqueles que o tinham torturado e matado (Mt 28,11-15; At 5,21-42).

Precisamos de eliminar os resquícios de certa cristologia ainda presente em determinados ambientes, segundo a qual Jesus teria passado pela tortura e pela morte para aplacar a ira de seu Pai. Deus teria ficado muito zangado com os pecados da humanidade e exigia uma satisfação, uma reparação à altura. E para realizar tal reparação, teria decidido, desde toda a eternidade, punir o próprio Filho, de modo que a sua ira fosse aplacada. Chegou-se a atribuir a Santo Anselmo esse absurdo. Porém, a teoria da expiação não passa de uma falsa interpretação do pensamento deste grande teólogo. Na verdade, o que Anselmo quis afirmar com a sua teoria, foi a plena e absoluta liberdade de Jesus, e o pleno e absoluto acolhimento da decisão de Jesus por parte do Pai. O Filho decide ir até ao fim e não recuar, mesmo diante da ameaça de morte. O Pai decide acolher a decisão do Filho até às últimas consequências. Não interfere e não impõe ao Filho um meio-termo, um compromisso para salvar a própria pele, como, às vezes, costumam fazer certos pais quando os seus filhos são ameaçados.

A superação desse tipo de cristologia, do conformismo do Filho e da brutalidade sanguinária do Pai, é de fundamental importância para não obscurecermos e não negarmos as devidas responsabilidades. As lideranças religiosas judaicas e o império romano tiveram, sim, a sua responsabilidade na tortura e na morte de Jesus (Jo 19,11). O que aconteceu não foi fruto do acaso, ou de um plano previamente estabelecido por Deus e do qual Jesus não pôde fugir. O que aconteceu foi um conluio entre o poder religioso e o poder político que predominavam na Palestina daquela época. O sistema religioso e o sistema político de então torturaram e mataram Jesus. É claro que isso não nos dá o

direito de acusar todos os judeus de todas as épocas pelo assassinato de Jesus, como tristemente, e lamentavelmente, fez a Igreja Católica, até há pouco tempo atrás, e como levemente continuam a fazer alguns católicos de direita. Não podemos, nem sequer, condenar todos os romanos daquela época. Mas é preciso deixar bem claro que a morte de Jesus não foi um desejo do Pai, do qual o Filho não teve modo de escapar. Dizer que tudo já estava previsto, é transformar a fé cristã em puro fatalismo e em mero capricho de Deus. E isso seria um tremendo absurdo.

A paixão, a morte e a ressurreição de Jesus inspiraram homens e mulheres de todos os tempos. Essas pessoas, animadas pela fé em Cristo, assumiram corajosamente o projeto de Deus até às últimas consequências. Desde os primeiros mártires do cristianismo até aos mais recentes como Santos Dias, Margarida Alves, Dorothy Stang, Josimo e Oscar Romero, homens e mulheres seguiram em frente e não arredaram pé diante das ameaças dos poderosos, prepotentes e arrogantes. E fizeram-no por estarem convencidos de que entre paixão, morte e ressurreição existe uma profunda ligação. Estavam convencidos de que, mesmo triturados e assassinados pelos sistemas religiosos e políticos, continuariam vivos, ressuscitados pelo poder de Deus. Famosa é a frase de D. Oscar Romero: *“Se me matarem, irei ressuscitar na luta do meu povo”*.

Meditar nestes termos sobre a paixão e a morte de Jesus é essencial, uma vez que corremos o risco de prestar culto a um Jesus delicado, irreal e inexistente. De facto, ainda hoje não são poucas as pessoas e os movimentos de Igreja, nos quais Jesus é visto sem nenhuma conexão com a sua história, com os factos que antecederam a Páscoa. Isso leva a um cristianismo aguçado e descomprometido, que se recusa a ver a realidade, e se distancia, propositadamente, de um compromisso sério com a luta pela justiça e pela construção de um mundo mais humano e saudável. Nós cremos, firmemente, na ressurreição, no Cristo glorioso que venceu a dor, o sofrimento e a morte (Mc 16,6). Mas não podemos imaginar um Cristo ressuscitado diferente daquele que caminhou pelas estradas da Galileia, e que enfrentou a paixão e a morte por causa da sua fidelidade ao projeto do Pai, e por causa de seu amor pelo povo. As narrativas das aparições do Ressuscitado, mais do que evidenciar a reanimação de um cadáver – como se Jesus tivesse readquirido o mesmo corpo de antes da morte –, querem evidenciar a relação entre o Jesus histórico e o Jesus ressuscitado (Lc 24,39-40; Jo 20,27). Querem mostrar que não é possível adorar o Ressuscitado, negando aquele Jesus que caminhou pelas estradas poeirentas da Palestina, a anunciar a libertação aos pobres e oprimidos.

Neste sentido, pode e deve dizer-se que o Tríduo Pascal possui uma dimensão política inegável. Celebrá-lo é reconhecer que Jesus, deliberadamente e conscientemente, tomou partido, escolhendo ser fiel ao projeto do Pai, o qual incluía uma paixão pelo povo, um anúncio de libertação e uma rejeição radical

do projeto do templo de Jerusalém que se tinha corrompido, transformando a religião num “mercado religioso”, num “covil de ladrões” (Jo 2,16). Celebrar o Tríduo Pascal é reconhecer que Jesus rejeitou o projeto político dos romanos, cujos chefes agiam como verdadeiras “raposas” (Lc 13,31-33), fazendo pesar sobre os ombros das pessoas, especialmente dos mais pobres, a tirania e a opressão (Mc 10,42-45).

Sem esta dimensão política, toda a celebração pascal se transforma numa farsa, num ritual sacrílego que ofende a Deus, porque desprovido de consequências reais para a vida da humanidade. Hoje em dia, ainda há quem prefira uma Semana Santa folclórica, com bastante emoção e choro diante de uma estátua de Nossa Senhora das Dores ou de um Senhor dos Passos branco, de olhos e sangue azuis. Mas não uma Semana Santa que associe as dores de Maria, mãe de Jesus, às dores de Cláudia Teixeira, negra, pobre, moradora na periferia, brutalmente arrastada e assassinada pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Não querem uma Semana Santa que ouse associar o Cristo amarrado na coluna da flagelação, ao jovem negro amarrado a um poste por playboys brancos cariocas, num bairro chique da cidade.

É fácil comovermo-nos diante de estátuas, mesmo que sejam estátuas “sagradas”. Estão ali imóveis, à nossa frente. Não nos incomodam e não nos desinstalam. Não nos causam problemas, não nos provocam, nem exigem de nós conversão. Mas comovermo-nos diante de estátuas não é cristão, não é evangélico e, de certa maneira, é uma idolatria. Idolatria porque Jesus não quer lágrimas, nem para si, nem, muito menos, para uma estátua sua ou de sua mãe. Não foi o que Ele disse a algumas mulheres enquanto se dirigia para o Calvário (Lc 23,27-32)? O que pretende, mesmo, de nós é uma comoção que se transforme em ação, em favor dos que estão oprimidos, magoados, abandonados e excluídos do direito à vida plena (Mt 25,31-46). Urge, pois, celebrar o Tríduo Pascal com obras e gestos, fazendo o que nos pede o papa Francisco na *Evangelii gaudium* (EG), ou seja, “tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (EG, 24). Se a nossa celebração da Páscoa servir, apenas, para aderir a uma economia que mata, se não alterar a desigualdade social, se ajudar a produzir uma sociedade de “pessoas descartáveis” e contribuir para a globalização da indiferença (EG, 53-60), então é uma páscoa consumista, de supermercado, e não a Páscoa de Jesus. Para ser a Páscoa de Jesus, é preciso que não seja uma “espiritualidade do bem-estar”, uma “teologia da prosperidade” alienante, subjetiva, sem compromissos fraternos (EG, 89-90). Para ser a celebração da Páscoa de Jesus, precisa de ser política, ou seja, anunciar um caminho esperançoso e libertador, que leve felicidade e alegria aos pobres. Para ser Páscoa de Jesus, terá de ser uma verdadeira “caravana solidária” (EG, 87).

JOSÉ LISBOA MOREIRA DE OLIVEIRA (1956-2015). Filósofo, teólogo, escritor.  
<http://www.redecelebra.com.br/boletimNacional.php?codigo=471> (18/04/2014)



E nós, será que ainda sabemos chorar? A surpresa que esta pergunta suscita já é, em si, um indicador do progressivo desaparecimento da presença deste ato eminentemente humano na nossa vida quotidiana.

Hoje em dia, chora-se pouco, as lágrimas tornaram-se muito raras.

## Lágrimas como pérolas

**D**IZEM QUE AS PÉROLAS NASCEM DA DOR: QUANDO UM GRÃO DE AREIA, transportado pelas ondas, penetra na concha da ostra, esta sente uma picadela e, para se livrar da dor, chora, segregando uma lágrima que envolve, gradualmente, o grão de areia, até que este deixe de a magoar. Somente aquelas ostras que tenham experimentado o sofrimento infligido pelo grão de areia, choram e criam pérolas, brilhantes, lisas e redondas.

E nós, será que ainda sabemos chorar? A surpresa que esta pergunta suscita já é, em si, um indicador do progressivo desaparecimento da presença deste ato eminentemente humano na nossa vida quotidiana. Hoje em dia, chora-se pouco, as lágrimas tornaram-se muito raras. Claro, existem lágrimas e lágrimas: "lágrimas vazias", até mesmo falsas lágrimas, lágrimas fingidas, "lágrimas de crocodilo"... A própria linguagem que as lágrimas transmitem pode ser deturpada: todos sabemos quantos adultos se aproveitam das lágrimas - a eterna linguagem infantil para pedir comida, chamar a atenção ou expressar uma dor - para conseguir alguma coisa, para arrancar um benefício, para enganar um sentimento...

As pesquisas históricas revelam-nos séculos ou épocas em que se chorava muito, e disso são testemunhas a literatura, a música, a pintura, a piedade popular e a espiritualidade. Hoje, no entanto, choramos pouco e não gostamos que nos vejam chorar, aliás, muitas vezes, na dor e no sofrimento, mantemos os olhos secos: olhos secos nas situações carregadas de dor, olhos secos, por estarmos acostumados a ver o sofrimento humano, olhos secos por termos medo de mostrar as nossas lágrimas, como se fosse um sinal da nossa fragilidade, da nossa indignidade. A desconfiança em relação às lágrimas, afinal, é antiga: os filósofos gregos, por exemplo, diziam que as lágrimas são

um sinal de fraqueza, as mulheres é que choram. Platão lembra que o próprio Sócrates era crítico no que respeita às lágrimas dos seus amigos que o acompanharam no seu suicídio com cicuta, em conformidade com a lei: somente Fédon chorava! Da mesma forma, no mundo latino, Marco Aurélio, imperador sábio, sugere a apatia, a ataraxia, como uma virtude capaz de vencer a tentação do choro.

Mas as lágrimas são um sinal de sentimentos humanos bem precisos, sentimentos que os seres humanos vivem, sentimentos a serem levados a sério, que precisam de ser expressos materialmente, visivelmente.

Caso contrário, o que seria da unidade da pessoa? Se uma pessoa não sabe chorar, também não sabe rir: é uma pessoa cujo pudor se transformou em aridez, tornando o seu coração calejado, doente de esclerosaria. Maurice Bellet, recentemente falecido, denunciava a situação que prevalece hoje em dia, apresentando-a como marcada por um sintoma distintivo: "uma anestesia geral", que aparece sob a forma da indiferença, do hábito de ver o espetáculo do mal. Vamos falar verdade: hoje é mais fácil ver pessoas a chorar perante um drama de televisão apelativo, do que ver alguém fazê-lo perante o mal concreto, real, porque o mal é evitado, obscurecido, removido, tanto quanto possível da vida quotidiana.

Temos de constatar - sem, no entanto, acabarmos por condenar, de forma moralista, a atual sociedade - a prevalência da dominante utilitarista, pela qual o bem e o mal são reduzidos a bem-estar e a mal-estar! Todo e qualquer prazer é um bem, toda e qualquer dor e fadiga são um mal. Como resultado, estamos a assistir a uma busca obsessiva do prazer, do máximo bem-estar possível. O que exige manter afastado tudo o que, de facto, ameaça o nosso bem-estar, fugir da visão do sofrimento, remover tudo o que nos possa fazer chorar.

Roland Barthes, nos seus *Fragmentos*, num discurso amoroso, interrogava-se: "Quem irá escrever a história das lágrimas? Em que sociedades, em que épocas se chorava? Há quanto tempo é que os homens deixaram de chorar? O que aconteceu à sensibilidade?"

Lanço um premente apelo a que permaneçamos atentos às lágrimas, que aprendamos a discerni-las, que entendamos o que elas querem expressar quando saem dos olhos de pessoas que sofrem; quando escorrem pelas bochechas das crianças; quando surgem lentas nos rostos inexpressivos de idosos afetados pela demência senil. Mas, acima de tudo, aprendamos a chorar com aqueles que choram e a alegrar-nos com aqueles que se alegram (Rm 12.15; 1 Cor 12:26). Então, as lágrimas realizarão em nós o seu trabalho, como as lágrimas da ostra: doar-nos-ão uma pérola preciosa!

ENZO BIANCHI. Monge italiano.  
in revista *Jesus*, de junho de 2018.

# ante o Crucificado

**P**reso pelas forças de segurança do Templo, Jesus não tem mais dúvidas; o Pai não escutou seus desejos de continuar a viver; os seus discípulos fogem procurando a sua própria segurança. Está sozinho. Os Seus projetos desaparecem. Espera-O a execução.

O silêncio de Jesus durante as Suas últimas horas é esmagador. Contudo, os evangelistas recolheram algumas das Suas palavras na cruz. São muito breves, mas às primeiras gerações cristãs ajudava-as a recordar com amor e gratidão o Jesus crucificado.

Lucas recolheu as que diz enquanto está a ser crucificado. Entre estremecimentos e gritos de dor, ele consegue pronunciar umas palavras que descobrem o que está no Seu coração: «*Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem*». Assim é Jesus. Pediu aos seus que «*amem os vossos inimigos*» e «*rogai pelos vossos perseguidores*». Agora é ele quem morre perdoador. Converte a Sua crucificação em perdão.

Esta petição ao Pai por aqueles que o crucificam deve ser ouvida como o gesto sublime que revela a misericórdia e o perdão insondável de Deus. Esta é a grande herança de Jesus à Humanidade: Nunca desconfieis de Deus. A Sua misericórdia não tem fim. Marcos recolhe um grito dramático do crucificado: «*Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?*». Estas palavras pronunciadas no meio da solidão e o mais total abandono são de uma sinceridade esmagadora. Jesus sente que o Seu amado Pai O está a abandonar. Por quê? Jesus queixa-se do Seu silêncio. Onde está? Por que se cala?

Este grito de Jesus, identificado com todas as vítimas da história, pedindo a Deus alguma explicação de tanta injustiça, abandono e sofrimento, permanece nos lábios do Crucificado, reivindicando uma resposta de Deus para além da morte: Deus nosso, por que nos abandonas? Nunca irás responder aos gritos e gemidos dos inocentes?

Lucas recolhe uma última palavra de Jesus. Apesar da Sua angústia mortal, Jesus mantém até o fim a Sua confiança no Pai. As Suas palavras são agora quase um sussurro: «*Pai, nas tuas mãos entrego o Meu espírito*». Nada nem ninguém foi capaz de O separar d'Ele. O Pai tem animado com o Seu Espírito toda a Sua vida. Terminada a Sua missão, Jesus deixa tudo nas Suas mãos. O Pai quebrará o Seu silêncio e O ressuscitará.

Esta semana santa, vamos celebrar nas nossas comunidades cristãs a paixão e a morte do Senhor. Podemos também meditar em silêncio ante Jesus crucificado, mergulhando nas palavras que ele mesmo pronunciou durante a Sua agonia.

José Antonio Pagola

Domingo de Ramos - C (Lc 22,14 - 23,56)

# Semana Santa

Jesus, humilde Rei de justiça, misericórdia e paz

**E**sta celebração tem, por assim dizer, duplo sabor: doce e amargo. É jubilosa e dolorosa, pois nela celebramos o Senhor que entra em Jerusalém, aclamado pelos seus discípulos como rei; ao mesmo tempo, porém, proclama-se solenemente a narração evangélica da sua Paixão. [...].

Assim, enquanto festejamos o nosso Rei, pensemos nos sofrimentos que Ele deverá padecer nesta Semana. Pensemos nas calúnias, nos ultrajes, nas ciladas, nas traições, no abandono, no julgamento iníquo, nas bastonadas, na flagelação, na coroa de espinhos... e, por fim, no caminho da cruz até à crucifixão. [...]

E este Jesus, que aceita ser aclamado, mesmo sabendo que O espera o «*crucifica-o!*», não nos pede para O contemplarmos apenas nos quadros, nas fotografias, ou nos vídeos que circulam na rede. Não. Está presente em muitos dos nossos irmãos e irmãs que hoje, sim hoje, padecem tribulações como Ele: sofrem com um trabalho de escravos, sofrem com os dramas familiares, as doenças... Sofrem por causa das guerras e do terrorismo, por causa dos interesses que se movem por detrás das armas que não cessam de matar. Homens e mulheres enganados, violados na sua dignidade, descartados... Jesus está neles, em cada um deles, e com aquele rosto desfigurado, com aquela voz rouca, pede para ser enxergado, reconhecido, amado.

Não há outro Jesus: é o mesmo que entrou em Jerusalém por entre o acenar de ramos de palmeira e oliveira. É o mesmo que foi pregado na cruz e morreu entre dois malfeitores. Não temos outro Senhor para além d'Ele: Jesus, humilde Rei de justiça, misericórdia e paz.

Papa Francisco

Homilia Domingo de Ramos (9 de Abril de 2017)